

Quem é o Narrador do *Grande Sertão*?

VLADIMIR ANTÔNIO DA COSTA GARCIA*

Quem é o narrador do *Grande Sertão Veredas*? Tal pergunta, aparentemente simples, foi por mim formulada à Dra. Dirce Côrtes Riedel após sua rápida exposição sobre aspectos vários da obra durante a semana em comemoração aos 30 anos do lançamento do livro, realizada na UFSC em novembro de 1986. A resposta foi imediata e lógica: Riobaldo (perspectiva adotada, aliás, em artigo, que é a transcrição da referida palestra, no "Jornal de Letras" nº 1, novembro de 1986). Poderíamos, contudo, alegar, como de fato o fizemos, a existência de um narratário¹ que, textualmente, na obra, anota o discurso oral de Riobaldo — "o senhor tome nota deste nome (...) o senhor veja, o senhor escreva..."²/"vida vencida de um, caminhos todos para trás, é história que instrui vida do senhor, algum? O senhor enche uma caderneta..."³ — podendo se constituir, de uma certa forma, num narrador em 2º grau, enquanto recriador de um discurso (lembramos o violeiro em *Macunaíma*). Diante disto, a palestrante afirmou que, num certo sentido (não há esclarecimentos no corpo do texto), poderia ser este último, para logo em seguida

*Mestrando em Literatura Brasileira, UFSC.

caracterizar uma ambivalência no narrador de **Grande Sertão: Veredas**, o que seria coerente com a tônica de ambigüidade que predomina em toda a obra. Bem, se isto não esclarece totalmente o assunto, pelo menos o problematiza. Fique claro, portanto, que não é nosso interesse aqui, rebater as colocações desta conceituada estudiosa (tanto mais por se tratar de uma exposição oral e pelo tema não ter sido aprofundado). Antes pelo contrário, relatamos o caso apenas como atestado da complexidade do assunto e como ponto de partida para o problema que procuraremos caracterizar — a questão do narrador em **Grande Sertão: Veredas**, obra com o sabor da modernidade. Tem suscitado, aliás, muita preocupação e atenção, "a estranha natureza do narrador" (e da narração romanesca) no século XX; uma vez que surgem narradores peculiares, o que é evidente em **Grande Sertão: Veredas**. É preciso frisar que é tema para muito mais do que este simples artigo.

Questão complexa por natureza, questionar o narrador de uma obra implicaria para nós, num primeiro momento, analisar tanto a idéia da "voz",⁵ ou seja, aquele em quem se conta, condutora dos acontecimentos da narrativa, como a identidade objetiva e subjetiva deste narrador. Num segundo momento, poderíamos pensar no desempenho deste narrador — quanto mais se for personagem da história —, isto é, no seu papel articulador dentro da narrativa, o que aponta para a sua "função".⁶

Em **Grande Sertão: Veredas** temos um caso particularíssimo: "— Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja..."⁷ O travessão inicial inaugura uma fala que só irá terminar no ponto final. Fica evidente que não se trata de um solilóquio ou monólogo interior, na medida que há um narratário que, como vimos, anota o discurso de Riobaldo. Além disso, não ocorre exatamente a expressão do irracional, via liberação do inconsciente. Estaríamos diante de uma espécie de monólogo dialogado. Não há dúvida, porém, que o narrador em 1º grau é Riobaldo, ex-jagunço que se debruça sobre o tempo passado para recompor, desde um ponto de vista autoritário, a sua existência. Usamos a expressão "1º grau" em função de que é Riobaldo quem emite o relato oral, havendo, por outro lado, referência a um narrador em 2º grau que organiza e produz um texto que não podemos assegurar coincida com o

que lemos. Riobaldo enquanto narrador articulista retém a informação e elabora um discurso marcado por "alterações" que vão da escamoteação ao excesso. Embora **Grande Sertão: Veredas**, seguindo a tradição dos grandes romances da modernidade, seja híbrido no tocante aos modos de narrar, poderíamos, usando a expressão de Cê-
rard Genette, tratá-lo como um discurso imediato.⁸ Tal discurso é emancipado de qualquer patrocínio narrativo, o que confere a Riobaldo plenos poderes de selecionar os fatos de acordo com a dinâmica interior, que oscila entre o consciente e inconsciente, e escamotear o passado conforme os propósitos de sua auto-figuração. Estamos diante da instauração da mimese via fala direta do narrador-personagem, confundindo narrador e ponto de vista. É Genette que afirma: "Curiosamente, uma das grandes vias de emancipação do romance moderno terá consistido em levar ao extremo, ou ao limite, melhor, essa mimese do discurso, diluindo as últimas marcas da instância narrativa e dando logo à primeira a palavra à personagem..."⁹ Não é por menos que Roberto Schwarz¹⁰ ao analisar a questão do gênero VIU em **Grande Sertão** um embricamento, propondo a fórmula do "T", onde aparece vigorosamente o gênero dramático na horizontalidade mesma do ato de narração. Com efeito, Riobaldo chama a atenção para SI (ou para nós?), um corte profundo que alcança níveis não racionalizados, com a focalização interna atuando sobre o herói. O narrador riobaldiano mediatiza e controla a informação, heroicizando-se como grande chefe jagunço, embora seja vulnerável e suscite a desconfiança do leitor. Em relação ao tempo, vale dizer, há uma dialética entre o presente da narrativa e do narrador — Riobaldo barranqueiro — e o presente dos fatos narrados — Riobaldo jagunço. Contudo, tal distanciamento é relativo, na medida que o narrador atualiza o passado, ordenando-o segundo seus propósitos, diluindo a fronteira do mundo em que se conta e o que se conta. Tal situação é favorecida pelo simples fato do narrador se confundir com o herói, sendo freqüente a distância chegar a zero. Há um processo latente de ocultamento: se o "autor onisciente"¹¹ — Guimarães Rosa — se esconde no herói, embora delate a sua presença nas aspas¹² da citação inicial ("o diabo na rua, no meio do redemoinho..."), por outro lado, o narrador se confunde com o personagem Riobaldo. Estaríamos aqui diante do "seqüestro do autor"¹³ tendência marcante do romance contemporâneo. Tal au-

sência deliberada, contudo, como observa Todorov, representa uma tomada de posição significativa, com as aspas, no caso, indicando o dedo do autor que aponta para a sua própria máscara.¹⁴ O autor esconde-se no narrador e fala através dele, e, por extensão, pelos demais personagens, os quais funcionariam como metástases, voz e expressão da ideologia do autor. Aliás, neste sentido, fazendo uma analogia com Flaubert — "Madame Bovary sou eu!" — poderíamos dizer que Guimarães é também Riobaldo, ressaltando, é claro, a figuração. Vale registrar colocações do próprio Guimarães a este respeito: "É que sou antes de mais nada este homem do sertão (...) é impossível separar a minha biografia da minha obra (...) provavelmente eu seja meu irmão Riobaldo".¹⁵

É interessante observar que este autoritarismo do eu-riobaldiano é atenuado pela interposição de outras vozes em meio às analepses e prolepses recorrentes na obra, via discurso direto e indireto. Como por exemplo, nesta passagem: "Raciocinei isso com compadre meu Quelemém e ele duvidou com a cabeça — "Riobaldo, a colheita é comum, mas o capinar é sózinho... — ciente me respondeu".¹⁶ Ainda assim, freqüentemente o discurso indireto livre permite a invasão do narrador-personagem no território do outro, desde uma pseudo-onisciência, revestindo-se da sensibilidade de quem trata. Por exemplo: "Diadorim mesmo repassava carinho naquela fala. Melar mel de flor (...) Agora falava devagarinho, de drusom, feito se imaginasse sempre (...) Ele falava de Otacília. De-la vivendo o razoável de cada dia no estar. Otacília penteando compridos cabelos e perfumando com óleo de sete-amores...".¹⁷ Há portanto, um hibridismo, uma flexibilidade na narração de Riobaldo no tocante ao tipo de discurso usado. Poderíamos pensar em discursos transpostos de forma direta e indireta dentro de um grande discurso relatado de tipo dramático. O que predomina, porém, é a sensação, mediante a já citada predominância do ponto de vista de Riobaldo, narrador, de pouco conhecimento do universo dos demais personagens. Por exemplo, o que podemos dizer do universo interior de Diadorim, a não ser a sua obsessão de vingança? Qual a sua postura frente a Deus, ao amor, à jagunçagem? Longe disto, Diadorim é-nos apresentado desde a ótica parcial de Riobaldo, este sim, riquíssimo no seu discurso existencial e catártico. Ainda em relação às falas interpostas, diferenciadas da de Riobaldo, a intensificação do

mimético-dramático leva-nos a pensar na idéia de "polifonia", enquanto confusão de vozes, caracterizando um universo multifacetado. Tal conceito, contudo, parece-nos inadequado aqui, na medida que o romance roseano enquanto busca de um tempo passado (perdido?) — neste sentido, Riobaldo seria um narrador proustiano —, com um herói que lamenta o presente ("Agora — digo por mim — o senhor vem veio tarde. Tempos foram, os costumes demudaram. Quase que, de legítimo real, pouco sobra, nem não sobra mais nada..."¹⁸) e atualiza o que foi, está subordinado a uma ordem espaço-temporal, ainda que não-linear.

Falamos acima que Riobaldo narra a sua trajetória a um "doutor" que a anota. Trata-se da problemática relação narrador-narratário, singular da obra. Guimarães Rosa não usou artifícios do tipo memórias encontradas por alguém que as publica, ou a história contada por uma testemunha que não o herói, ou um narrador onisciente distanciado, ou ainda um discurso interior narrativizado¹⁹ ainda que, muitas vezes, haja um enfraquecimento da presença do narratário, dando lugar para uma reflexão mais distanciada), formas estas, entre outras, mais ou menos canônicas. Como já foi dito, o narrador assume o ponto de vista do personagem, e o travessão inicial instaura não só a narrativa, como o discurso ilusoriamente oral, elevado ao nível literário, ou seja, o ato de fala fundando a escrita. Há, portanto, uma tensão entre o discurso oral e o escrito em **Grande Sertão: Veredas**, tensão esta que viabiliza o tão festejado projeto lingüístico de Guimarães Rosa no livro. Inspirado nas virtualidades da língua sobre um socioleto jagunço (já que seria problemático falar de dialetos no Brasil, discussão travada no âmbito da sociolingüística), o discurso riobaldiano, recheado de recontos, transpira — pela grande fala direta, ininterrupta, do narrador-personagem — oralidade. Oralidade esta que invade a escrita da obra, impondo um ritmo e infringindo a ordem gramatical convencionalmente aceita. Sem fundar outra gramática, Guimarães Rosa redimensiona o uso da língua, através de um complexo e rico idioleto literário.

Não cabe aqui chegarmos a uma conclusão em relação às circunstâncias materiais de produção do texto. Tais circunstâncias são também dado de ficção. O texto todo é ficção e mediante um pacto

de aceitação total (o romance finge, por sua parte, verossimilhança), tomamos **Grande Sertão: Veredas** como emissão de um discurso oral. O que há é um vazio no tocante à indicação do transcritor de tal discurso, ainda que o narratário encha cadernos anotando a história de Riobaldo...

Já comentamos acerca do papel articulador do narrador. Riobaldo, ao recriar o seu passado, desempenha além da função essencial de narrar, outras, como justamente a de organizar, reger,²⁰ o discurso narrativo. Além disso, várias vezes interrompe a narração — "Desculpe me dê o senhor, sei que estou falando demais, dos lados. Resvalo"²¹/"Ah, mas falo falso. O senhor sente? Desmente? Eu desminto. Contar é muito, muito dificultoso..."²² — para manter acesa a relação com o narratário (destinatário), no caso o doutor da cidade, homem culto que o visita, mas não intervém com falas na narrativa. Tais pausas assumem um caráter intemporal, reflexivo, teórico, metanarrativo quase sempre. Quanto à não-intervenção do narratário, é ilusória, na medida que tem uma função estrutural e também criadora. Ele (o narratário) gera uma distância com o leitor real (narratário virtual), sendo junto com este, que se intromete indiscretamente na "conversa", também autor. Além disso é quem financia o relato catártico riobaldiano, pólo opositivo que sustenta a dialética interna do pensamento do narrador. Com efeito, o convencimento do outro reforça o seu convencimento. Contudo, a função mais incidente acumulada pelo narrador de **Grande Sertão: Veredas** é a chamada "função ideológica". Discurso explicativo por excelência, vale-se de inúmeras narrativas metadieéticas, efetivamente analepses explicativas, convertidas no nível diegético (ou pseudo-diegético).²³ O encontro de Riobaldo menino com Reinaldo (Diadorim) menino, quando este o leva a atravessar o rio, trata-se de uma narrativa metadieética do futuro, instrumento do destino, armadilha em forma narrativa. Vale dizer, o narrador, através de idas e vindas, manipula conscientemente o passado, criando o universo do texto e se criando nele. Como já disse Kayser, "o narrador é o criador mítico do universo",²⁴ o que no **Grande Sertão** é extremamente coerente com o projeto adâmico de (re)nomeação de Guimarães Rosa na obra.

Antes de encerrarmos, somos tentados a uma breve considera-

ção sobre Riobaldo, não mais como narrador, mas como herói. É ponto recorrente na fortuna crítica de Guimarães Rosa, a idéia de ambigüidade, bem como de universalidade a respeito de Riobaldo e de **Grande Sertão: Veredas** como um todo. Neste sentido, Guimarães Rosa na sua obra dialoga não só, no âmbito da morfossintaxe e da estrutura narrativa, com inventores (usando a expressão de Pound) como Joyce e Proust, mas com o "pai" Machado, se pensarmos em termos de sistema literário brasileiro. Ambigüidade e universalidade que perpassam um Riobaldo criado, constituído e interpretado. Com efeito, a narração passa, pode-se dizer, por diferentes Riobaldos, caracterizando-o como um herói problemático, ou antes, com uma consciência problemática, de quem não nasceu bem e viveu entre os dois gumes da ambivalência: letrado e jagunço, sem pai, mas com "pais", pactuário e não, entre o permitido e o imaginário. "Jagunço-falhado" e "professor-falhado",²⁵ Riobaldo tem a marca do inacabado, é e não é. Pensamos que Riobaldo está na incômoda posição metafísica do "entre" (do-ente-doente) e na sua crise de identidade lança-se num rio verbal, fluxo transformado em narrativa densa, filosófica, indagadora. Riobaldo é um personagem em conflito e este é a essência do **Grande Sertão**, paradoxalmente, particular e cósmico.

Há uma circularidade de temas no decorrer da narrativa (a vida jagunça, o pacto ou não com o demo, Diadorim, a contemplação mística da natureza, etc.) que representam e dinamizam o debate metafísico interior no personagem. O poético da linguagem, enquanto deformação e desvio do uso normal, expressa este jogo entre o racional e o irracional.

Postulamos a hipótese de uma dupla consciência, mítica e racional, em Riobaldo. Entendemos, por exemplo, que o pacto não resolvido é fruto justamente de uma tensão permanente entre uma consciência lógico-racional e outra mítico-religiosa. Passagens como "E o Diabo não há! Nenhum",²⁶ "Digo ao senhor"²⁷ o diabo não existe, não existe, não há e a ele vendi a alma... e "Do vento. Do vento que vinha, rodopiado. Redemoinho: o senhor sabe — a briga de ventos... o demônio se vestia ali, dentro vigiava",²⁸ que se repetem ao longo do texto, provam tal dialética, que encerra, na verdade, a dúvida, num jogo entre o saber e o não saber. Tal jogo,

especialmente próprio na cultura ocidental judaico-cristã, mas não só, revela uma ambivalência que é tônica nas grandes articulações da obra. Esta tensão entre o lógico e o mítico expande-se em termos de empírico e imaginário. A solução final — "o que existe é homem humano/humano. Travessia"²⁹ — transitória por natureza, é a própria condição humana, "o entre humano". Por tudo isto, Riobaldo é catalizador de uma plausível consciência universal, cingida, em conflito, mas por isso mesmo, dinâmica, viva. Eu igual a nós. Em **Grande Sertão: Veredas**, vale dizer, há a harmonia desta memória que flui um fluxo verbal intenso, realizado pela escrita, numa estrutura polimórfica e isomórfica, como bem observou Augusto de Campos³⁰ em relação a esta, resultado da unidade dos níveis semântico, sintático, morfológico, ideológico. É claro que por trás de tudo, agiganta-se a presença do autor, que operacionaliza no texto a sua filosofia espiritualista confessa, antitética por essência. Sim, Riobaldo (herói) é transcendente como transcendente é Guimarães Rosa com sua cosmovisão regionalizada desde um sertão interior e, por isso mesmo, universal.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

¹Nome dado por Gérard Genette em *Discurso da Narrativa*. Lisboa, Vega, 1983, ao destinatário da narrativa (p. 214).

²João Guimarães Rosa. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1982, p. 274.

³Idem, p. 451.

⁴Wolfgang Kayser. "Quem conta o Romance?"

⁵Termo usado por Gérard Genette (op. cit. nota 1) para apontar aquele em que se conta, designado as relações entre narração e narrativa e narração e história.

⁶Categoria usada por Gérard Genette (op. cit. nota 1) para analisar os diversos papéis desempenhados pelo narrador.

⁷Op. cit., nota 2, p. 9.

⁸Op. cit., nota 1, p. 172.

⁹Op. cit., nota 1, p. 171.

¹⁰Roberto Schwarz, "Grande Sertão: a fala", in **A Sereia e o Desconfiado**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

¹¹Op. cit., nota 1, p. 184.

¹²Observação feita por Alfeu Sparemberger, mestrando da UFSC, durante seminário do curso **Grande Sertão: Veredas** ministrado pelo professor Walter Carlos Costa no segundo semestre de 1986.

¹³Expressão usado por Oscar Tacca, **As Vozes do Romance**. Coimbra, Almedina, 1983, p. 60.

¹⁴Colocação de Roland Barthes citada por Oscar Tacca (op. cit., nota 13, p.60).

¹⁵Glinter Lorenz, "Diálogo com Guimarães Rosa", p. 65.

¹⁶Op. cit., nota 2, p. 47.

¹⁷Op. cit., nota 2, p. 286.

¹⁸Op. cit., nota 2, p. 23.

¹⁹Termo usado por Gérard Genette (op. cit., nota 1) para designar uma "narrativa de pensamentos".

²⁰Genette considera basicamente as funções: narrativa, de regência, de comunicação, testemunhal e ideológica, todas elas não puras (op. cit., nota 1, p. 247).

²¹Op. cit., nota 2, p. 112.

²²Op. cit., nota 2, p. 142.

²³Segundo Genette: figura que "consiste em contar como diegético, ao mesmo nível narrativo que o contexto, aquilo que se apresentou (...) como metadieético no seu princípio..." Op. cit., nota 1, p. 235.

²⁴Op. cit., nota 4.

²⁵Expressões usadas pela Dra. Dirce Côrtes Riedel em exposição feita na UFSC em novembro de 1986.

²⁶Op. cit., nota 2, p. 366.

²⁷Op. cit., nota 2, p. 366.

²⁸Op. cit., nota 2, p. 187.

²⁹Op. cit., nota 2, p. 460.

³⁰Augusto de Campos, "Um Lance de "Dês" do Grande Sertão", in **Poesia, Antipoesia, Antropofagia**.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ANTELO, Raúl. "O Eu Transeunte". Jornal "O Estado, Florianópolis, 27/06/84.
- CAMPOS, Augusto de. "Um Lance de "Dês" do Grande Sertão", in **Poesia, Antipoesia, Antropofagia**. São Paulo, Cortez Moraes, 1978.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **As Formas do Falso**. São Paulo, perspectiva, 1972.
- GENETTE, Gérard. **Discurso da Narrativa**. Lisboa, Vega, 1983.
- KAYSER, Wolfgang. **Qui raconte le Roman?** Texto traduzido para o português por Carmen Lúcia Cruz Lima.
- LORENZ, Günter. "Diálogo com Guimarães Rosa", in **Diálogo com a América Latina**. São Paulo, Ed. Pedagógica, 1973.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 15.ed., 1982.
- SCHÜLER, Donald. "Grande Sertão: Veredas-Estudos". *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23/05/1965.
- SCHWARZ, Roberto. **A Sereia e o Desconfiado**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- TACCA, Oscar. **As Vozes do Romance**. Tradução de M. Coutinho Gouveia. Coimbra, Almedina, 1983.



Guimarães Rosa e J. Conde